

O agro, mineração e renda média

» SACHA CALMON
Advogado

O que incomoda mais o brasileiro é a coexistência de setores modernos com a pobreza extrema. Há muita gente passando fome. Marta Watanabe de São Paulo mostra um Brasil rural e concentrado. O superávit comercial da agropecuária brasileira atingiu US\$ 53 bilhões no período de janeiro a setembro deste ano e supera os US\$ 47,7 bilhões de saldo positivo da balança total brasileira no mesmo período de 2021.

A indústria extrativa contribuiu no período com o superávit, mas em menor escala: US\$ 32,6 bilhões, enquanto a indústria de transformação ficou com déficit de US\$ 36,9 bilhões. Os números fazem parte do boletim do Índice de Comércio Exterior (Icomex) distribuído na terça-feira (8), pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre).

O superávit comercial de 2022 mostra uma mudança de posições em relação ao ano passado entre os setores da agropecuária e o da indústria extrativa na composição do saldo comercial total do país, de acordo com os números do boletim. Enquanto o saldo positivo da agropecuária avançou 36% em relação ao superávit de janeiro a setembro de 2021, o da indústria extrativa encolheu 37% na mesma comparação.

Com a alta do preço do minério de ferro a patamar recorde no decorrer do ano passado, o saldo da indústria extrativa alcançou US\$ 51,5 bilhões nos mesmos nove meses do ano passado, revela o boletim. Em 2022, são os preços que também ajudam, dessa vez, o setor agropecuário. Segundo dados do Icomex, os preços e exportação de produtos do setor subiram em média 37,5% em 2022 contra o ano passado, ainda de janeiro a setembro.

A alta de preços mais do que compensou a queda 2% no volume de exportações na comparação do mesmo período. Na indústria extrativa, em razão do ajuste no preço do minério de ferro, o preço médio de exportação caiu 1,8% e a quantidade embarcada também

teve recuo, de 6,7%, sempre nos mesmos meses.

Na indústria de transformação, destaca o boletim, os três setores com maiores superávits são todos intensivos em recursos naturais e elevaram os seus saldos positivos, na base de comparação de 2021 e 2022. São eles: produtos alimentícios (US\$ 38,6 bilhões), metalurgia (US\$ 22,5 bilhões) e fabricação de celulose, papel e produtos de papel (US\$ 7,4 bilhões).

O aumento de preços da importação superou o das exportações, mas a queda no volume importado e o aumento no exportado garantiram o aumento do superávit comercial. Além desses três setores, mais seis segmentos registraram superávits e, com exceção dos têxteis, todos aumentaram seus saldos, mas com valores abaixo de US\$ 1 bilhão. O boletim analisou o total de 23 setores.

Os maiores déficits dentro da indústria de transformação foram dos setores de produtos químicos (US\$ 42,9 bilhões), equipamentos de informática (US\$ 20,5 bilhões) e fabricação de máquinas e equipamentos (10,8 bilhões). São setores de ponta e nesse caso, as variações nos índices de preços de exportações superaram as das importações, exceto para produtos químicos, e o volume importado foi maior que o exportado, exceto para máquinas e equipamentos, destaca o boletim do FGV Ibre.

A situação do país é dramática. Esse quadro está a demonstrar uma tendência preocupante qual seja a do país caminhar para ser uma potência agropastoril e extrativista (mineração) com a virtual paralisação (crescimento vegetativo) da indústria de transformação a importar outputs de ponta... Os produtos de ponta temos que importá-los porquanto é significativamente mais barato do que fazê-los aqui.

Há um mercado interno sem renda e a exportação não é de qualidade nem de valor agregado. Noutras palavras: estamos mais para o subdesenvolvimento e condenados a ser eternamente um "país de renda média". O nosso tempo para dar o salto rumo ao mundo desenvolvido está no fim! Temos, se tanto, já com uma população de 220 milhões de pessoas, de 5 a 10 anos para deslançar investimentos públicos e privados e criar empregos com carteira assinada e consequentemente renda e aposentadorias impactando positivamente o mercado financeiro. Como os romanos dizemos *tempus fugit*.

O governo que se diz neoliberal pouco fez para intervir no mercado, tal qual é, no rumo do que deveria ser. Contudo se olharmos para o passado dos Estados Unidos, da União Europeia, da Rússia, que desde 2017 teve que se desenvolver sozinha, e da China, veremos que o Estado, foi sim, indutor do desenvolvimento. No caso dos Estados Unidos é de se ler o livro *Tempos muito estranhos* (Rosevelt de 1932 até 1945 fez de um tudo para desenvolver o setor privado americano).



Ciência e conhecimento para um mundo com 8 bilhões de habitantes

» MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES
Pesquisador da Embrapa Agroenergia

Estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU), revisadas em julho, indicam que a população global deverá atingir 8 bilhões em novembro de 2022. Ao fazer o anúncio, o secretário-geral Antônio Guterres afirmou que "esta é uma ocasião para celebrar nossa diversidade, reconhecer nossa humanidade comum e se maravilhar com os avanços na saúde que prolongaram a vida útil e reduziram drasticamente as taxas de mortalidade materna e infantil". Mas no mesmo discurso ele lembrou quão distantes ainda estamos da "responsabilidade compartilhada de cuidar do nosso planeta e dos nossos compromissos um com o outro".

O mesmo Guterres nos alertava em setembro de 2022 que o "nosso mundo enfrenta grandes problemas, com divisões se aprofundando, desigualdades se ampliando e desafios se espalhando". É crescente a sensação de que a humanidade está presa a uma espiral viciosa de adversidades de toda ordem. Apesar de vários alertas científicos do impacto humano na resiliência dos ecossistemas, é alto o risco de danos irreversíveis nos sistemas terrestres. Tensões, conflitos e crises concomitantes se somam para minar perspectivas de cooperação necessárias para superação dos enormes problemas que impactam a todos.

Na verdade estamos enredados numa teia de relações de complexidade inédita, situação para a qual a humanidade não está preparada. Crises climática, sanitária e energética, combinadas a inflação crescente, exacerbam dificuldades econômicas. Países são forçados a escolhas mitigadoras de curto prazo, ao invés da busca de resiliência de longo prazo, o que alimenta conflitos sociais, competição por recursos escassos e tensões geopolíticas. Incentivos e mecanismos econômicos para estímulo a escolhas sustentáveis seguem sendo ofuscados por tolerância

e insistentes subsídios a processos e estruturas sabidamente insustentáveis.

Ao chegarmos a 8 bilhões de humanos, comundo uma sociedade mais idosa, urbanizada e impaciente, é imperativo que encontremos caminhos para transformações simultâneas em vários domínios interdependentes — econômico, social, político e tecnológico — sem o que não alcançaremos um futuro sustentável. Transformações que ajudem a superar a crescente concentração de poder e a falta de políticas promotoras de equidade, justiça e harmonia com os sistemas naturais, o que faz crescer as desigualdades e as causas de insustentabilidade. Enfim, transformações que estancem o pessimismo e a desilusão, que minam a legitimidade das estruturas institucionais de governança e as expectativas de progresso com paz social.

A ciência e os sistemas de conhecimento — insubstituíveis em qualquer processo de transformação da sociedade — precisarão se reinventar para ajudar a humanidade a navegar por essa realidade de tantas assimetrias e não linearidades. Embora se fale muito na neutralidade da ciência, há abundantes evidências de que a insistência no reducionismo e na confortável clausura em silos disciplinares tem limitado sua capacidade de questionar o status quo, o que depende, necessariamente, de conhecimento transdisciplinar e de formulações sistêmicas baseadas na integração de conhecimentos, de múltiplas perspectivas e visões de mundo. A carência de tais atributos tem tornado a ciência e os sistemas de conhecimento presas fáceis para negócios e governos pouco interessados em sustentabilidade.

Tomem-se, por exemplo, os problemas comuns aos sistemas alimentar e de saúde pública, que deveriam ser tratados à luz do nexo alimento-nutrição-saúde que, no fim das contas, move todas as demais engrenagens do

complexo sistema chamado sociedade. Não é possível pensar em progresso seguro, justo e inclusivo quando se ignora ou se tolera falhas e insuficiências nos sistemas interdependentes de alimentação e saúde. Mas o atual sistema alimentar não permite que as pessoas escolham dietas saudáveis e boa parte dos 8 bilhões de habitantes do planeta carecem de alimentos acessíveis, seguros e nutritivos. E, pior, doenças crônicas relacionadas à dieta causam mais de 11 milhões de mortes prematuras todos os anos.

Tomemos ainda o nexo alimento-energia-clima, também crítico para o bem-estar da humanidade. Há décadas debatemos a urgência de conter a crise climática, que tem impactos diretos sobre os sistemas alimentares e energéticos, ambos dependentes de recursos de um planeta em estresse. Até 18 de novembro, acontece em Sharm El Sheikh, no Egito, a COP27, iniciada no último dia 6, o evento mais importante e o maior já realizado sobre o tema. Líderes e formuladores de políticas serão novamente colocados diante de escolhas difíceis e complexas, há muito conhecidas mas sempre ignoradas por negócios e governos que teimam em não priorizar a sustentabilidade.

O fato é que há uma lacuna crescente entre as soluções oferecidas pelo mundo da política e dos negócios e a complexidade de promover o desenvolvimento sustentável em um mundo que chega a 8 bilhões e caminhará célere para 8,5 bilhões de habitantes em 2030. Sem investimentos persistentes na ciência e em sistemas de conhecimento independentes e multidimensionais, capazes de avançar na integração de saberes que sustentem mudanças transformadoras nas dimensões econômica, social, política e tecnológica, dificilmente a humanidade alcançará acordos que conduzam a um futuro sustentável para todos.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Guerra de palavras

Foi-se o tempo em que a expressão do Latim que ensinava que: "Verba volant, scripta manent" ou, em tradução livre, "palavras voam, a escrita permanece", fazia algum sentido. Hoje com o estabelecimento generalizado das tecnologias digitais, somadas às mídias sociais, tudo o que é falado em público, especialmente pelos políticos, é gravado e replicado *ad infinitum*.

Capturados pelas redes, ficam como escritos em rochas e jamais desaparecem, nem por força de controles e de censuras. Posto isso, é fácil aferir, antologicamente, o que seria a quintessência de qualquer indivíduo. Somos a expressão do que falamos, até de modo inconsciente. Não é por outro motivo que a psicanálise recorre, basicamente, ao que o paciente expressa em palavras, para desnudar-lhe a alma e o âmago.

Da mesma forma é possível desnudar algumas dessas lideranças políticas, que estão atualmente sob o foco e luz das atenções, para entendermos o sujeito e o objeto de suas falas. Tomando apenas os dois principais personagens políticos do momento e de posse do que disseram publicamente nesses últimos meses e que podem ser conferidos em gravações que navegam pelas mídias eletrônicas, teremos farto manancial de palavras que podem, muito bem, servir de material para uma análise que mostre quem é de fato, que pode estar por trás de cada fala.

O trabalho de compilar uma e outra fala do atual presidente e de seu opositor, que ambiciona lhe tomar o lugar, não é tarefa fácil, em virtude da verdadeira guerra de palavras que foi estabelecida e declarada tanto no campo das eleições, como anteriormente, na pré-campanha. Assim, estabelecendo Lula como sendo o número (1), e Bolsonaro como número (2), temos: (1) "ainda bem que a natureza criou o coronavírus"; (2) "Sempre defendi combater o vírus e o desemprego de forma simultânea e com a mesma responsabilidade. As medidas de isolamento e lockdown deixaram um legado de inflação, e especial, nos gêneros alimentícios no mundo todo"; (1) "Eu não vou enganar o povo mais uma vez"; (2) "O povo armado jamais será escravizado"; (1) "Eu não posso ver mais jovens de 14, 15 anos, assaltando e sendo violentado pela polícia, só porque roubou um celular"; (2) "O sr. só promete, promete até picanha com cerveja, quando da votação do Auxílio Brasil seu partido votou contra a medida".

A lista de parlapatices é imensa e pode muito bem ser pesada, na balança do juízo, por qualquer um. O fato, como disse o próprio Lula, durante sua turnê na Europa é que "Bolsonaro só pensa em destruir aquilo que destruímos." Fossem aferidas segundo padrões de peso, cada frase poderia, muito facilmente alcançar algumas toneladas.

Jogadas contra os adversários poderiam provocar grandes estragos. Nessa batalha de palavras, a maioria, saída da boca sem antes passar pelo crivo do cérebro, os mais prejudicados são os cidadãos de bem, que tem sua família, que vai a igreja, paga seus impostos e sonha com um país onde seus filhos possam expressar livremente seus credos, sua educação, exatamente como faziam nossos antepassados, quando essas ameaças de destruição de valores, eram vistas apenas em livros de ficção distópica e de tão assustadores e tenebrosos, eram lidos apenas por uma parcela de masoquistas e niilistas renitentes.

» A frase que foi pronunciada

"As palavras são gratuitas. É como você as usa que pode lhe custar caro."

De KushandWizdom

Pela saúde

» Ausente nos supermercados, a Vigilância Sanitária está perdendo os absurdos principalmente nas gôndolas de carne. No supermercado Dia a Dia do Novo Gama, as prateleiras do produto exalam o odor putrefato de longe. Pelo DF a Vigilância também encontrariam bastante trabalho.

Muito cuidado

» Por falar em vigilância, com acesso aos limites de crédito dos clientes bancários, empresas que já tiveram busca e apreensão da polícia, continuam trabalhando com aposentados na mira. Mudam o nome e não se intimidam. Oferecem crédito consignado. Uma verdadeira armadilha. Marcam reunião, recebem a visita de consultores, tomam até cafezinho na própria empresa. O primeiro contato é feito por telefone. Quando o assunto for seu dinheiro, trate com o seu gerente.

Lado bom

» Amor à primeira vista. Carlos Moisés e Antônia Souza Araújo. Esse é o nome certo do casal que que se conheceu no Varjão enquanto votava há 4 anos e voltou nesse ano para votar na mesma seção, já com aliança no dedo.

» História de Brasília

Já que o assunto é fiscalização, aqui está uma: as casas da Caixa Econômica, na W-3, estão abolindo dependências de empregadas, para alugar a escritórios e oficinas. E o pior. Já estão colocando basculantes nas paredes externas, não se sabe com ordem de quem. (Publicada em 13.03.1962)